



TOLEDO, Conceição Arruda. Deus escreve direito por linhas tortas. Correio Popular, Campinas, 07 jul. 1972.

Deus escreve direito por linhas tortas

Conceição Arruda TOLEDO

Quando recebi o telefonema em que era notificada de que fora incluída na Diretoria da Sociedade "Non Scholae Sed Vitae", para o seu Departamento de Divulgação, juntamente com outros elementos do jornalismo, e que deveria comparecer a uma das suas costumeiras reuniões em casa da Dra. Matilde Pettine, nem de leve me passou pela mente, a "bomba" que lá me esperava.

Após os primeiros contatos através das apresentações feitas pela gentil anfitriã, foi lida a ata da sessão anterior, seguindo-se a atribuição de responsabilidades e encargos, e o pedido de sugestões para a resolução deste ou daquele setor, constante da ordem do dia.

Quando chegou a minha vez, espantei-me de saber que estava também designada para a composição do hino da entidade, uma vez que a letra deveria ficar por conta de alguém que militasse no setor literário. Portanto... essa incumbência deveria caber a mim!

Esforcei-me para não demonstrar o grande espanto que se apoderou de mim. Expliquei que poderia efetuar a revisão dos trabalhos já prontos; burilá-los, modificá-los, até, com a devida autorização do autor, para que eles transmitissem perfeitamente o espírito da Associação.

Mas que minha poesia não era bem aquela, apropriada para letra de hinos. Que ela não tem rimas, e é mais prosa que poesia; prosa-poética, defini-la-ia melhor...

Mas já haviam deliberado: essa seria a minha incumbência!

Prometi pensar no assunto, arquitetando pedir ajuda a quem realmente, fosse capaz de desincumbir-se da tarefa, afirmando que na sessão seguinte, — marcada para dali a uns vinte dias, mais ou menos, — apresentaria, se não a letra definitiva, pelo menos, um esboço, para a apreciação da Diretoria.

Aquilo, porém, ficou como um osso atravessado em minha garganta, preocupando-me terrivelmente.

Tenho profundo conhecimento do que sou capaz, e não me arvorar nunca, a fazer qualquer coisa fora de minhas atribuições: "Não vá o sapateiro além do sapato..." O senso de auto-crítica é forte em mim, e eu, uma completa negação para música, sem ouvido, sem voz, sem ritmo, nunca iria poder escrever a letra para uma música, fosse lá de que gênero fosse. (Isso mesmo já afirmara eu há uns dois anos ao Coronel Pettená, quando pretendeu que eu adaptasse o enredo de um livro, para uma Escola de Samba.)

Mas, como diria minha mãe, mestra em aplicação dos provérbios populares, "Deus escreve direito por linhas tortas!..."

Se eu não possuía capacidade para realizar tal tarefa, seria através de mim, como consequência decorrente dessa mesma incapacidade, que a pessoa indicada iria chegar até aquelas abnegadas pessoas que dirigem a "Non Scholae"...

Em casa, a primeira coisa que fiz foi telefonar para meu amigo, o poeta João Gurgel Júnior, passando-lhe o encargo, que para ele, era "fichinha"!...

Expliquei-lhe o que era a entidade que até então ele nem conhecia, disse-lhe de seus objetivos, de seu espírito, e marquei a data da reunião, propondo-me levá-lo comigo, para que ele próprio apresentasse a letra para o hino, cuja música estava a cargo do maestro Walmor Urban.

Alguns dias antes, temerosa de que o nosso bom amigo se esquecesse da tarefa que em boa hora eu lhe transmitira, comecei a telefonar-lhe periodicamente.

Na véspera ainda não estava pronta, e Gurgel nem se abalou com o atraso: — Isso eu faço de uma enfiada só. Não se preocupe, amanhã levaremos a letra...

Eu estava preocupada de verdade. Queria, por meio de outrem, embora, dar conta de meu recado...

Teria apreçado ouvir pelo telefone a leitura dos versos, mas o bom Gurgel, com aquela confiança própria de quem sabe que sabe, queria fazer-nos agradável surpresa e um pouco de suspense...

Lá fomos nós, no dia aprazado. Risonho e tranquilo, ele levava no bolso a pequenina jóia; e eu, no coração, um leve sobressalto...

Apresentado, logo se pôs muito à vontade, e começou a dizer de cor, com aquela sua excepcional memória, as inúmeras poesias suas e dos outros, às simpáticas senhoras, que imediatamente tornaram-se suas amigas.

Depois, submeteu à apreciação a letra que havia escrito.

Foi um sucesso! Gurgel, inteligentemente, escreveu a letra com o número de sílabas próprio dos hinos, facilitando muito ao maestro Walmor Urban, musicá-la.

Pequenas alterações foram efetuadas, a fim de permitir melhor adaptação à melodia. E isso foi uma manifestação de altruísmo e camaradagem entre os dois autores que se entenderam às mil maravilhas. Walmor Urban ao piano, em sua casa, e Gurgel, pacientemente, ia modificando, substituindo, acrescentando, abrindo mão da exatidão métrica, algumas vezes, em benefício da perfeição melódica.

Finalmente, tudo acertado entre ambos, a aprovação total veio culminar aquela trajetória, que, por intermédio da minha inabilidade, levava a pessoa certa até a "Non Scholae Sed Vitae", proporcionando-lhe um belíssimo hino!

Todos ficaram radiantes e eufóricos. Eu mais ainda, porque Gurgel é "bamba" também em artes gráficas e se prontificou a projetar o novo Diploma da entidade, e ao que parece, foi já apresentado e aprovado, constando entregue a alguém que irá fazê-lo graciosamente.

Não é mesmo uma beleza? Realmente, mamãe tinha razão: Deus escreve direito por linhas tortas!

Eis aqui a letra do hino que eu não fui capaz de fazer:

"Bem fazer é dever que não cansa,/ Pois somente alegria nos traz./ Nossa luta é de Fé e Esperança,/ Nosso hino é de Amor e de Paz./ Juventude penhor da Nação,/ Que se forma robusta e feliz./ Nós lembramos que o bom cidadão,/ Serve a Deus, à Família e ao País./ Non Scholae Sed Vitae, afinal/ Num esforço tão nobre e viril,/ Hoje estende seu grande ideal/ De Campinas por todo o Brasil./ Nossa árdua tarefa se encerra,/ Na legenda que é o nosso Brazão./ Que as virtudes do homem na terra/ São: Trabalho, Honradez, Instrução./ Nossa mão à Virtude se espalma/ Na mais nobre de toda Missão./ Nosso grupo é uma só Alma./ Somos todos um só Coração./ Nom Scholae Sed Vitae... etc.